



Palavras Chave:  
→ Psicologia  
Transpessoal  
→ Física Moderna  
→ Holismo  
→ Psicologia  
Analítica  
→ Computação  
Quântica  
→ Energia Psíquica

João Bernardes da Rocha Filho <jbrfilho@puccrs.br>

- Professor da Faculdade de Física
- Professor do Mestrado em Educação em Ciências e Matemática
- Professor da Especialização em Psicooncologia e da Especialização em Psicologia Junguiana - PUC/RS

# *Física e Psicologia Transpessoal: Encontros e Desencontros*

O artigo apresenta proposições distintivas da Psicologia Transpessoal apresentadas por alguns dos mais destacados autores deste campo, e busca correlações entre elas e fatos, hipóteses e leis da Física Moderna, na busca de indícios de vínculos consistentes ou pontos de conflito, analisados na extensão em que o conhecimento científico permite. O artigo foi escrito sem a pretensão reducionista de validar a Psicologia Transpessoal apenas na medida em que ela seja compatível com as leis conhecidas da Física e, além disso, as (poucas) divergências entre as posições físicas e psicológicas são apresentadas como motivação para que as pesquisas transdisciplinares continuem.

“  
há mais do que  
a história biográfica  
do indivíduo a  
influenciar sua  
situação psíquica  
”

### A OPÇÃO TRANSPESSOAL DA PSICOLOGIA

Os teóricos da linha transpessoal da Psicologia têm sido integradores de conhecimentos disseminados nas ciências, religiões e filosofias, e nesse processo têm lançado mão de conceitos da Física no estabelecimento de um referencial e uma linguagem adequada ao seu campo de estudo. Simultaneamente alguns físicos, preocupados em interpretar e dar significado ao conhecimento acumulado sobre a natureza, têm alertado a comunidade científica sobre evidências intrigantes da convergência entre as duas áreas. Este movimento, com características interdisciplinares, envolveu cientistas famosos e tornou-se disseminado em meados do século XX, com o desenvolvimento da Psicologia Analítica, principalmente após Carl Gustav Jung publicar seus estudos sobre sincronicidade, incluindo neles um artigo do físico Wolfgang Pauli, com quem se correspondeu desde 1932 até 1958.

A Psicologia Transpessoal difere de suas antecedentes históricas pela percepção de que há mais do que a história biográfica do indivíduo a influenciar sua situação psíquica, e que estados de consciência diferentes do estado desperto podem ser formas de investigar os conteúdos dessa história expandida, na busca pela cessação dos sintomas dos desajustes. Essa linha de abordagem psicológica tem um caráter holístico, isto é, compreende que deve considerar a problemática humana como tendo uma origem multifatorial, que pode exigir uma clínica igualmente complexa, e tende a encarar a realidade como sendo amplamente diferente do que a trivialidade do senso comum assinala. Algumas destas características envolvem conhecimentos de fronteira da Física contemporânea, e são abordados aqui.

Uma das orientações centrais da interpretação transpessoal é justamente a busca por uma percepção holística, compreendida como necessária em pesquisas levadas adiante no contexto de uma realidade que é intrinsecamente interligada. Essa concepção é tão fundamentalmente associada a transpessoalidade que algumas vezes o próprio adjetivo Transpessoal é substituído por Holístico. A capacidade de conceber holisticamente uma situação é, necessariamente, algo que precisa ser desenvolvido ou despertado no terapeuta por um processo em grande parte incomunicável que mantém semelhanças com uma senda espiritual, onde a razão é apenas uma das referências a seguir. O conhecimento científico dos possíveis mecanismos dessa interconexão é fundamental para que os fatos subjetivos vivenciados nesse processo possam ser adequadamente compreendidos numa extensão que transcende o pessoal. Evidentemente um comportamento holístico, ou uma postura holística, pode ser decorrência da experiência acumulada ao longo da vida, mas um terapeuta precisa ir além desse ponto, caminhando na direção de uma compreensão holística nos poucos anos de sua formação. Para aplicar esse conhecimento na análise da problemática de outra pessoa é preciso ultrapassar a compreensão particular e avançar na direção do outro, o que exige a intermediação de uma teoria, que deve ser construída e apreendida pelo conhecimento.

Não há trajetória linear no desenvolvimento da capacidade de ver além da ilusão da separabilidade, e o terapeuta pode alcançar apenas um sucesso relativo nessa empreitada, pois o desaparecimento completo do engano significaria o fim da busca e o alcançar de um estado de identificação com o todo que provavelmente somente pode ser imaginado nesta etapa da história da vida, como a conhecemos. Felizmente não é necessário que esse estágio definitivo seja alcançado para que o terapeuta consiga

promover situações eficazes para seu assistido, do ponto de vista da melhoria de sua qualidade de vida. Na verdade, a superação completa da dualidade provavelmente implicaria condições ainda inexistentes no contexto humano, de modo que pode ser mais coerente considerá-la um objetivo de longo prazo, o que parece ser benéfico para a manutenção do equilíbrio psicodinâmico, até onde podemos conceber. Talvez por isso a superação em si não deva ser o objetivo intrínseco do ser, pelo menos por enquanto, mas sim a manutenção de um contínuo evoluir nessa direção.

### HOLISMO E OS EVENTOS QUÂNTICOS

Do ponto de vista da Física, a realidade interligada subjacente é uma possibilidade plausível desde 1927, quando foram divulgadas as conclusões da reunião de físicos quânticos, em Copenhague. Desde então a noção de que a realidade aparente poderia ser sustentada por um substrato com características holísticas permaneceu como um alvo certo para onde os críticos das interpretações idealistas da Física Quântica puderam dirigir-se sem muito receio. Em 1964, entretanto, o físico irlandês John Bell apresentou uma dedução matemática relativamente simples sugerindo que o argumento da localidade era falso, ou seja, que o mundo não poderia ser simplesmente constituído por coisas reais, unidas por forças reais. A partir de Bell temos uma prova de que a realidade aparentemente local (designação de uma situação onde as causas antecedem os efeitos, e podem ser a ele associadas por elos clássicos ou relativísticos) é mantida por um substrato não-local com características que apontam para uma compreensão complexa do existir. Embora nunca tenha havido consenso entre os físicos sobre o sentido da inequação de Bell, a mensagem é relativamente clara: para que a realidade aparente o que nós vemos, ou seja, aparente ser composta por coisas separadas que se relacionam por forças locais, é necessário que exista um substrato não-local que a mantenha operante. Esse substrato não-local não é óbvio aos sentidos, mas é imprescindível para uma compreensão física precisa da realidade, e conveniente para estender essa compreensão até os fenômenos associados a transpessoalidade.

Alguns anos depois de Bell um físico francês chamado Alain Aspect comprovou a interconexão através de um experimento envolvendo a correlação entre fótons gerados simultaneamente em um evento quântico. Aspect mostrou que a proposição EPR, produzida em 1937 por Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen, resultava em uma correlação acima da prevista pelas teorias clássica e relativística, compatível com a hipótese de que os fótons produzidos continuavam unidos instantaneamente, apesar de distantes. Desse experimento derivou uma das três premissas básicas da Computação Quântica, denominada *entanglement*, que sustenta que depois da ocorrência de uma interação quântica os entes resultantes mantêm-se de posse de uma informação que somente pode ser recuperada pela reunião dos mesmos. Além disso, outro efeito, denominado Bohm-Aharonov, mostrou que elétrons são afetados por campos magnéticos aplicados em regiões fora de seu campo de probabilidade. Nesse momento os fatos e teorias físicas indicam que existe uma ligação sutil entre partículas quânticas, embora ela seja em grande parte indetectável pelos experimentos do cotidiano.

A não-localidade intrínseca da natureza tanto concorda com a opção holística da Psicologia Transpessoal que o nome dado pelo físico David Bohm a esta realidade subjacente foi holomovimento, que seria o substrato sobre o qual se desenrolam todos os fenômenos físicos, e talvez até os fenômenos psíquicos inexplicáveis pela

“  
existe uma ligação  
sutil entre partículas  
quânticas, embora  
ela seja em grande  
parte indetectável  
pelos experimentos  
do cotidiano  
”

“  
Viver essa  
dualidade é uma  
contingência,  
mas crer que  
a realidade é  
dual é ilusão  
”

intermediação de outras abordagens. Como o holomovimento sustentaria a realidade completa, aí incluídas as manifestações biológicas, é compreensível que a percepção de realidade seja mediada pela consciência que, num certo sentido bem explícito, transmite significado a essa mesma realidade. Coincidentemente, a Psicologia Transpessoal pressupõe que cada determinado estado de consciência define uma vivência diferenciada de uma certa realidade relativa, embora exista uma identidade completa, em termos absolutos, entre a realidade inteira e a consciência plena. Em termos simples, a consciência parcial, sujeita à ilusão da separação, vive a realidade de modo compatível com essa parcialidade, enquanto esquece que é precisamente o todo não dividido. Nesse sentido a expressão ilusão se refere a uma percepção parcial a que todos estamos sujeitos, cuja transcendência parece ser um objetivo distante do desenvolvimento do qual a individuação é parte definitivamente importante.

Outra hipótese física que se relaciona com o holismo da Psicologia Transpessoal envolve a questão do colapso da função de onda de probabilidade quântica. Uma interpretação relativa a essa questão é a de que se um evento quântico tem mais de uma possibilidade de ocorrência, ou seja, se ele pode ocorrer segundo diversos caminhos diferentes, cada um deles com uma certa probabilidade, então todos esses caminhos são de fato percorridos, e o resultado aparente é a sobreposição destas probabilidades parciais. O colapso da função de onda corresponderia, assim, à situação provocada pela observação que produz exatamente aquela observação, ou seja, um evento que seria uma espécie de fenômeno resultante das condições do todo. Para que o colapso ocorra precisamente sob uma determinada condição de contorno é necessário que o sistema possua informações de todos os caminhos possíveis para aquele dado evento, coisa que é virtualmente impossível num contexto clássico, pois o número destes possíveis caminhos é, em geral, infinito. Assim, podemos dizer que a ocorrência de um dado evento quântico indica que o sistema dispõe de informações acerca da realidade completa, ou seja, um acesso holístico.

#### A DUALIDADE E A EXTENSÃO DA CONSCIÊNCIA

A dualidade pode ser compreendida como uma operação artificial da consciência que consiste no estabelecimento de fronteiras conceituais sobre uma realidade que é intrinsecamente única e indivisa. A dimensão sensorial do existir evidentemente contribui para que a consciência estabeleça e confirme a separabilidade, o que pode ser uma contingência dessa etapa evolutiva da vida, de modo que não se trata de negar a dualidade inerente à natureza sensível, já que ela é auto-evidente, mas sim reconhecer que essa percepção se refere apenas a uma parte da realidade. Como vimos, a ilusão consiste em crer que qualquer uma das partes é o todo, e tem uma existência independente dele. Viver essa dualidade é uma contingência, mas crer que a realidade é dual é ilusão.

Existem diversas evidências científicas compatíveis com a hipótese da unicidade envolvendo uma espécie de extensão espaço-temporal dos limites da consciência humana. Os experimentos de J. B. Rhine, na Universidade de Duke, com telepatia e precognição, são exemplos disso, assim como as sincronicidades de Jung e as anomalias de engenharia pesquisadas por Robert Jahn e Brenda Dunne, na Universidade de Princeton. Rhine demonstrou que telepatia e precognição ocorrem mesmo em condições cientificamente controladas, e que envolvem a circulação de informações entre pessoas sensíveis, independentemente da distância em que se encontrem e das blindagens eletromagnéticas que existam ao redor de qualquer

uma delas, ou ambas. O próprio Rhine foi surpreendido ao descobrir que uma falha na correção de fusos horários em um de seus experimentos conduziu a uma antecipação dos resultados que seriam obtidos aleatoriamente em um determinado evento posterior. Esses experimentos históricos de Rhine demonstraram que os fenômenos mentais estudados não tinham relação com qualquer trânsito energético, pois independiam da distância, de blindagens, e até do tempo, o que é plenamente compatível com a unicidade, na atemporalidade que lhe é característica intrínseca.

Jahn e Dunne, por outro lado, bem mais recentemente, demonstraram que pessoas conseguem alterar o funcionamento de máquinas e o resultado de eventos supostamente aleatórios pela simples ação da vontade, de um modo que pode ser interpretado como um sinal de que os limites entre o pensar e o fazer são indefinidos e flexíveis. Claro que qualquer fenômeno pode ser explicado de muitas maneiras, conforme a teoria explícita (paradigmática) ou os pressupostos implícitos (superparadigmáticos) do pesquisador, mas essas anomalias de engenharia se encaixam perfeitamente na hipótese transpessoal de que os limites corporais se estendem para além do corpo físico. Do ponto de vista da Física, entretanto, parece mais simples a hipótese holística de que não há separação real entre o ser e a máquina, e por esse motivo as atuações ocorrem aparentemente à distância, ao invés de postular a existência de um sistema de corpos sutis que intermediariam tal ação. Mas ambas as posições são compatíveis com os fatos.

Escapando um pouco dos resultados da Física, mas permanecendo ainda dentro do âmbito da lógica, nenhum sintoma da inexistência de limites é mais chocante do que as sincronicidades. Sabemos que embora os sentidos sintam os fatos da realidade externa, somente percebemos como tais os eventos que possuem contrapartida interna ao eu. Dizendo de outra forma, embora os sentidos sejam estimulados, aquela realidade não vem à consciência porque não existe na consciência. Isso é um modo de compreender como conseguimos coordenar a complexa e extensa rede de sensores biológicos, basicamente ignorando ou integrando inconscientemente seus sinais, que chegam ao sistema nervoso em grande quantidade. Aplicando esse conhecimento às sincronicidades podemos chegar à conclusão de que o mundo externo ao eu produz situações que claramente fazem sentido ao eu, mas isso é um contra-senso desde uma perspectiva dualista. Como o sentido poderia ser externo, já que isso é uma prerrogativa totalmente mental? Ora, as sincronicidades são plenas de sentido e vêm do mundo externo, e um modo coerente de compatibilizar esses dois conhecimentos é admitir que não há separação entre os mundos interno e externo no que toca ao eu, ou seja, que não há limites reais para a consciência. Desde essa perspectiva torna-se evidente que as experiências transpessoais e os níveis de consciência já sistematizados são simplesmente conseqüências da inexistência de limites objetivos para a consciência.

O teórico da Psicologia Transpessoal que mais tem se aproximado dessa percepção de realidade e consciência é Ken Wilber, pois seu trabalho intrinsecamente integrativo aponta na direção de um espectro contínuo da consciência, que consegue ser uma síntese bastante aperfeiçoada dos trabalhos de Stanislav Grof e outros. Wilber, entretanto, tem salientado que o caminho místico e o caminho científico são distintos, e que através da ciência não se poderá confirmar ou refutar a veracidade de afirmações místicas. Nesse ponto específico talvez seja preciso lembrar que ambas as abordagens são legítimas e necessárias, espelham capacidades inatas do eu, e

“  
os limites corporais  
se estendem para  
além do corpo físico  
”

que nenhuma delas deve ter prevalência sobre a outra, ou estaremos gerando uma radicalização tão negativa quanto tem sido o cientificismo. O próprio Wilber afirma que transitar por estados de contemplação onde você percebe sua não-dualidade em relação a todas as coisas não é o objetivo máximo a ser alcançado, mas sim o reconhecimento desse eterno entrelaçamento do qual nem sequer podemos fugir. E a ciência tem ajudado muitos cientistas a reconhecer a não-dualidade, além de ajudar as pessoas em geral a viverem mais e melhor, de modo a terem tempo para reconhecer isso. Não se trata de negar ou confirmar afirmações místicas, mas sim de obter o máximo de informações acerca da realidade, de todas as perspectivas possíveis.

#### A QUESTÃO ENERGÉTICA E VIBRACIONAL

Alguns teóricos da Psicologia Transpessoal, assim como místicos em geral, têm utilizado a expressão energia de uma forma bastante pródiga, com um significado complexo e muito diverso do sentido original da Física, o que gera contradições irreconciliáveis que prejudicam a compreensão da mensagem que querem transmitir. E não se trata apenas de uma mesma palavra com sentidos distintos porque muitas das pessoas que usam essa expressão de forma equivocada fazem alusões explícitas à Física, utilizando-a como sustentação para as suas teses.

Existem motivos consistentes que nos fazem crer que grande parte das referências à energia, feitas no contexto deste artigo, na verdade envolvem uma quantidade física não-energética, pois somente essa poderia responder pelo comportamento identificado nos fenômenos transpessoais de natureza mental. Alguns desses motivos são:

a) existem provas fortes provindas da Física, reconhecidas por pesquisadores respeitados e referenciados pelos mesmos que utilizam esse conceito ampliado de energia, de que fenômenos de caráter mental operam de modo incompatível com qualquer entidade de natureza energética. Dois dos que declararam literalmente essa postura são J.B. Rhine e Rupert Sheldrake;

b) crer num caráter energético subjacente a fenômenos mentais é equivalente a crer que esses mesmos fenômenos podem ser explicados completamente dentro da materialidade, pois sabemos que energia e matéria são correspondentes e intercambiáveis. Embora possamos compreender holisticamente mente, matéria e energia, cada uma delas caracteriza aspectos próprios da realidade, e atribuir a uma as propriedades da outra não ajuda no esclarecimento do funcionamento da realidade;

c) utilizar palavras equivocadas conduz a mais enganos, numa cadeia erros que prejudica o desenvolvimento de pesquisas que partem de um pressuposto energético subjacente e pretendem chegar a resultados que são puramente não-energéticos. É um caminho sem saída, com pouquíssimas chances de sucesso em acomodar resultados compatíveis com as vivências transpessoais. Insistir nisso representa retardar o desenvolvimento de uma compreensão maior e mais extensa do fenômeno mental;

d) alimenta um confronto desnecessário com físicos de setores mais tradicionais que vêem como inadequada essa utilização modificada de um conceito bem estabelecido da Física, ao mesmo tempo em que dispara um bloqueio anticientífico em alguns pensadores da Psicologia Transpessoal, que vêem a posição desses físicos como uma ingerência prepotente e descabida.

A opção pela descrição energética de fenômenos mentais decorreu da associação de diversos fatores, entre os quais uma interpretação moderna e simplificada de elementos constitutivos de filosofias orientais, como a loga, na qual os chakras seriam centros energéticos relacionados com a circulação da kundalini-shakti, e o Feng-Shui, no qual o fluxo de um fluido denominado chi, geralmente compreendido como uma energia, determina a salubridade das edificações. Além disso, a disseminação de bens de consumo elétricos, o sucesso do paradigma energético clássico-relativístico, o desenvolvimento do estudo das radiações e, posteriormente, a vulgarização da energia nuclear e os percalços da indústria petrolífera, trouxeram a palavra energia para os jornais, de modo que desde o final do século XIX essa expressão passou a fazer parte do cotidiano das populações ocidentais. Escrever utilizando termos científicos, como energia, pode ter parecido um recurso atraente para escritores que se dirigiam a uma população que começava a se acostumar com a velocidade crescente dos avanços tecnológicos derivados de resultados científicos. Apesar disso, ainda hoje não sabemos exatamente o que é energia física, algo definido em termos daquilo que julgamos existente num determinado sistema quando esse mesmo sistema é capaz de produzir algum trabalho físico. Entretanto uma confusão fundamental é cometida ao se atribuir à energia capacidades tipicamente mentais ou antropomórficas, que ela obviamente não possui.

Evidentemente sempre podemos associar uma certa energia à manifestação de qualquer fenômeno, seja ele mecânico, elétrico, químico ou mental. Mas no caso mental essa energia é necessária apenas para que o pensamento torne-se manifesto, e nada pode auxiliar na solução da questão fundamental de sua origem. Um pensamento, por exemplo, pode ser traduzido em palavras que serão ditas por intermédio da voz, na forma de ondas sonoras, ou que serão impressas, como nesta folha. Todas essas manifestações são materiais e, por consequência, energéticas, mas não se pode dizer o mesmo da origem das idéias. Embora o cérebro consuma uma grande quantidade de energia química para manter-se operante, essa energia é tão inteligente quanto a energia química de uma bateria de automóvel ou de um explosivo plástico. A intenção de quem determina o uso da energia para manifestar um pensamento, dirigir um automóvel ou explodir um trem, é que possui um caráter construtivo ou destrutivo. Não existe energia boa ou energia má. Assim, esse caráter usualmente atribuído à energia tem que ser compreendido como um fenômeno mental anterior a ela, e superior também, pois é capaz de direcioná-la produzindo pensamentos, movimentos ou explosões.

Rhine demonstrou que fenômenos de percepção extra-sensorial se comportam de modo claramente não energético, e Jung sabia desses resultados e imaginava que a questão psicofísica estava longe de ser esclarecida em sua época. Mesmo assim é provável que Jung tenha permanecido usando a expressão energia psíquica, que ele aprendeu de seus professores, porque não existia em sua época nenhuma outra que pudesse substituí-la adequadamente no contexto mental. Mais do que isso, inventar novas palavras para um conceito antigo, ensinado há décadas, pode não ter parecido muito cauteloso. De qualquer modo Jung deixou claro que acreditava que eventualmente a energia psíquica poderia ser incluída no contexto das ciências exatas, embora ele mesmo desconfiasse que essa inclusão dependia de um estudo profundo no qual ele não desejava lançar, na ocasião. Parece claro que lhe faltava um conceito mais apropriado, o que o fez permanecer utilizando a expressão energia

“  
o objetivo máximo  
a ser alcançado [é o]  
reconhecimento  
desse eterno  
entrelaçamento do  
qual nem sequer  
podemos fugir  
”

“  
esse caráter  
usualmente atribuído  
à energia tem que  
ser compreendido  
como um  
fenômeno mental  
anterior a ela  
”

psíquica, ainda que em termos provisórios.

Fora do ambiente da Física, Rupert Sheldrake elaborou uma teoria que o tornou popular nos meios acadêmicos, na qual propõe a existência de formas mais ou menos estáveis que determinariam a especialização de cada célula dos seres vivos, ou seja, determinariam quais das instruções gravadas no DNA seriam ativadas naquele determinado conjunto de células embrionárias. Em síntese, uma semente de girassol produz girassóis porque se identifica com um campo morfogenético dos girassóis. Esse campo, segundo Sheldrake, é similar aos campos elétricos, magnéticos e gravitacionais, que somente podem ser identificados pelos seus efeitos, mas nunca diretamente, havendo uma diferença fundamental: são campos não-energéticos. Ele percebeu que os campos morfogenéticos não poderiam ser materiais ou energéticos porque estão difundidos e ao alcance de qualquer ser vivo, sem que sua intensidade decaia com a distância (ao contrário dos campos físicos).

De modo semelhante ao que aconteceu com o termo físico energia, palavras tipicamente associadas à descrição de fenômenos ondulatórios vêm sendo usadas na teorização de procedimentos ligados a terapias alternativas, em parte por analogia com os usos terapêuticos ou diagnósticos das ondas eletromagnéticas e mecânicas, e também porque cores, sons e partículas atômicas têm associação direta com certas frequências. Como a medicina usa raios X, ultrassom, microondas, e mais um grande número de aparelhos e técnicas que envolvem frequências, esse conceito é muito atrativo. Por outro lado, o cérebro produz ondas elétricas detectáveis que possuem frequências associadas a determinados estados da consciência. Embora nesse caso o conhecimento científico seja pequeno, é provável que algumas das referências e associações feitas aos fenômenos repetitivos sejam válidas, no sentido de que vibrações mecânicas, sons e luzes oscilantes podem acelerar o estabelecimento de estados alterados de consciência, com a conseqüente alteração mensurável na frequência das ondas cerebrais.

Por tudo isso parece evidente que precisaríamos de um novo conceito que fosse superior ao da energia, capaz de compatibilizar os fatos com a teoria, e que fosse mais coerente com os conceitos orientais, sem as contradições geradas pelo contexto mental em que se inserem as afirmações psicológicas. Talvez uma palavra relacionada com o conteúdo da mente, ou seja, com a informação, seja mais adequada. Um universo mental seria, então, compreendido como um universo informacional.

#### A NATUREZA MENTAL DO UNIVERSO

Quando unimos as constatações da Psicologia Transpessoal com o que aprendemos da Física Moderna é possível construir vários modelos de universo, e em muitos deles o papel da informação parece ser central. Sendo a informação o conteúdo da mente, decorre que nesses modelos o universo possui um caráter eminentemente mental, ou seja, num sentido bem amplo podemos dizer que universo é mente. As pesquisas que resultaram na criação das primeiras portas lógicas quânticas, as sementes dos futuros computadores quânticos, sugerem que a informação pode ser considerada uma grandeza física como qualquer outra. Estes mesmos estudos mostraram que, em tese, um computador ideal poderia processar e armazenar uma quantidade ilimitada de informações sem desperdiçar entropicamente qualquer energia, o que ocorreria somente se houvesse necessidade de apagar da memória um certo dado de entrada ou de processamento. Como os fenômenos naturais tendem

a ocorrer de modo a minimizar o gasto de energia, podemos dizer que, na medida em que o universo pode ser comparado a um supercomputador quântico, provavelmente haveria retenção de todas as informações nele contidas, de modo que seria possível seguir um processamento em qualquer sentido, descobrindo seus desdobramentos e sua origem. A informação poderia ser considerada o tijolo fundamental do universo, a partir do qual todos os demais fenômenos são gerados.

Num universo mental as sincronicidades, as memórias arquetípicas, o inconsciente coletivo e todos os fenômenos holísticos para os quais a Psicologia Transpessoal chama atenção seriam simples decorrências da unicidade da mente. Uma consciência isolada seria uma fixação num certo conteúdo informacional localizado, ou um subprograma do processamento global, com uma individualidade apenas relativa. Nesse universo interligado certas doenças mentais poderiam ser compreendidas como falhas no processo de identificação de memórias ou interpretação da realidade, e os campos morfogenéticos propostos por Sheldrake seriam subrotinas de processamento de lote. O holomovimento proposto por David Bohm seria outro nome para esse mecanismo de geração de realidade mental, as leis físicas seriam constantes em torno das quais os fenômenos ocorrem, e assim por diante.

#### CONCLUSÕES

Ainda não existem proposições teóricas consistentes (com possibilidade de comprovação e refutação) sobre a natureza mental do universo, mesmo porque essa hipótese recebeu apenas recentemente o reforço da Computação Quântica, mas é possível que existam meios de identificar propriedades indiscutivelmente mentais que poderiam ser procuradas no mecanismo de geração da realidade. Isso somente pode ser obtido pelo esforço conjunto de pesquisadores com trânsito transdisciplinar, pois será necessário o desenho de pesquisas capazes de gerar respostas de valor para todas as ciências, em conjunto, e principalmente capazes de abandonar preconceitos e olhar com olhos de aprendiz para as lições trazidas da ciência, da filosofia e da religião. De certo modo chega a ser deprimente ter que dizer isso a profissionais de qualquer área, porque uma postura criticamente aberta e receptiva deveria ser a regra num meio onde transitam pessoas esclarecidas, mas ainda existem teóricos que separam conhecimentos e delimitam espaços, construindo barreiras que contribuem para a manutenção de poder e prestígio pessoal, num momento em que há indícios claros de que a superespecialização falha, e que somente uma visão verdadeiramente holística pode contribuir para a compreensão da vida e do universo. ❏

#### Bibliografia

- BRANDÃO, D. M. S. et ali., **O Novo Paradigma Holístico**. São Paulo, Summus, 1991.  
CREMA, R., **Introdução à Visão Holística**. São Paulo, Summus, 1989.  
GROF, C. et ali., **A Tempestuosa Busca do Ser**. São Paulo, Cultrix, 1990.  
GROF, S., **Além do Cérebro**. São Paulo, McGraw-Hill, 1987.  
ROCHA FILHO, J. B., **Física e Psicologia**. Porto Alegre, Edipucrs, 2003.  
TABONE, M., **A Psicologia Transpessoal**. São Paulo, Cultrix, 1993.  
WEIL, P., **Nova Linguagem Holística**. Rio de Janeiro, Cepa, 1987.  
\_\_\_\_\_, **As fronteiras da Evolução e da Morte**. Petrópolis, Vozes, 1989.  
\_\_\_\_\_, **A Morte da Morte**. São Paulo, Gente, 1995.  
WILBER, K., **Uma Breve História do Universo**. Rio de Janeiro, Nova Era, 2001.

“  
num sentido bem  
amplo podemos  
dizer que universo  
é mente  
”

“  
ainda existem  
teóricos que separam  
conhecimentos e  
delimitam espaços...  
num momento em  
que há indícios  
claros de que a  
superespecialização  
falha  
”